

Fusão Casas Bahia e Ponto Frio: Trajetórias e Experiências do Trabalhador Comerciário

Karen Capelesso

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre as trajetórias da classe trabalhadora na sociedade capitalista contemporânea, discutindo as mudanças no mundo do trabalho que vem acontecendo nos últimos anos, a partir das experiências de vida e trabalho dos sujeitos que vivenciam estas mudanças concretamente no seu cotidiano. O estudo que a pesquisa se debruça, é o processo de fusão da Casas Bahia e Ponto Frio, iniciado em 2009 e concretizado em 2010, e as implicações que esta fusão trará para a classe trabalhadora, através das impressões dos trabalhadores que vivenciam no chão da loja as transformações que esta fusão trouxe e está trazendo na suas relações de trabalho. A intenção é compreender e analisar como os trabalhadores comerciários interpretam e vivenciam esse processo de reestruturação das grandes redes varejistas, através das fusões e aquisições presentes no setor, e os diversos contornos que as mudanças no seu dia-a-dia de trabalho vão assumindo. Para privilegiar a visão dos trabalhadores a respeito deste processo, analisando quais as mudanças que são ressaltadas, quais as percepções que eles têm desta fusão e as implicações para a sua vida e trabalho, a pesquisa se utiliza de entrevistas orais com funcionários e ex-funcionários da Casas Bahia e Ponto Frio, compreendendo a história oral como um método rico para dar voz a esses trabalhadores. Devido ao grande número de lojas das duas redes, esta pesquisa se concentra nas lojas Casas Bahia e Ponto Frio da cidade de Cascavel/Paraná, onde o fato de as duas lojas estarem uma ao lado da outra se tornou algo interessante para a pesquisa, já que o impacto da fusão e as especulações sobre as mudanças que irão acontecer (e que estão acontecendo) se tornam mais perceptível para os trabalhadores no seu dia-a-dia. Portanto, as fusões de grandes empresas, a formação de grandes conglomerados, tendência existente na sociedade capitalista em sua época monopolista e com relevância no setor varejista brasileiro, é discutida a partir das trajetórias de vida e trabalho dos “colaboradores” dessas lojas, analisando as impressões que pressões que os trabalhadores apontam e vivem neste processo. Neste texto apresento parte do processo de pesquisa e do processo de realização das entrevistas com os trabalhadores das lojas Casas Bahia e Ponto Frio. Para demonstrar os resultados da trajetória da pesquisa, discuto duas entrevistas produzidas analisando quais as implicações e expectativas que os trabalhadores estão apontando, com a fusão das duas lojas e as mudanças no comércio varejista e na atividade do trabalhador comerciário.

Palavras-Chave: Experiências; Trabalho e Trabalhadores; Casas Bahia e Ponto Frio.

A presente pesquisa tem como objetivo discutir o processo de fusão da Casas Bahia e Ponto Frio, através das impressões dos trabalhadores que vivenciam no chão da loja as transformações e implicações que esta fusão trouxe e está trazendo na suas relações de trabalho. A intenção é compreender e analisar como os trabalhadores comerciais interpretam e vivenciam esse processo de reestruturação das grandes redes varejistas, através das fusões e aquisições presentes no setor, e os diversos contornos que essas mudanças no seu dia-a-dia de trabalho vão assumindo.

As fusões e aquisições não são tendência única do setor varejista brasileiro. O ano de 2010, foi o ano recorde desse tipo de transação no Brasil, com 787 operações de fusões e aquisições, fechando com crescimento de 22% em relação ao ano de 2009, com recorde de transações anunciadas em único mês, 89 em dezembro de 2010. Em comparação a períodos anteriores, o ano de 2010 é expressivo. Entre o ano de 2002-2005, o Brasil teve a média de 384 transações/ano e entre 2006-2009 teve 654. Em comparação com o ano de 2007, ano também considerado como bom momento para esse tipo de negociação, ocorreram 721 transações, tendo um aumento de 9% em 2010.

Porém, devido aos bons números do varejo, com crescimento de 10,9% no ano de 2010 comparado ao ano de 2009, crescimento maior que o PIB do país (7,5%). Sendo assim, esta tendência de fusões e aquisições vem ganhando cada vez mais a atenção das grandes redes varejistas, sendo que o varejo segundo dados do ano de 2010, esta entre os oito setores que mais participaram de fusões e aquisições.

Esses números indicam um processo de reestruturação das grandes redes varejistas, o que é confirmado com a fusão da primeira e segunda maiores redes varejistas de eletroeletrônicos e eletrodomésticos do país, a Casas Bahia e a Ponto Frio em junho de 2010. Fusão que está ligada com outra negociação envolvendo o Grupo Pão de Açúcar, que comprou a Ponto Frio em 2009, e que fundiu as suas atividades no varejo não - alimentício, já que atua em diversos ramos do varejo, com as Casas Bahia, a partir dessa fusão, se tornando a maior empresa varejista do país.

Com a fusão das Casas Bahia e da Ponto Frio, mas de 70 mil trabalhadores irão ter o seu cotidiano de trabalho alterado. A análise proposta nesta pesquisa é perceber como esses trabalhadores experimentam e percebem essas transformações no seu trabalho e no mundo do trabalho, através desse movimento de fusões e aquisições, e quais as implicações que esta fusão irá trazer para as suas relações de trabalho.

Para dar conta do objetivo desta pesquisa, ela foi direcionada a cidade de Cascavel – As duas redes de lojas são muito grandes, tendo presença a nível nacional. Seria inviável para uma pesquisa que tem como perspectiva compreender as implicações desse processo presente no comércio varejista para os trabalhadores dessas lojas, as transformações e implicações no seu cotidiano, não delimitar a pesquisa em certo local.

Para pensar as experiências da classe trabalhadora, me apoio em leituras como Thompson. Nessa perspectiva de análise do autor, é possível encontrar sujeitos sociais não apenas como resultado de uma dada realidade, de uma forma mecânica, mas também como pessoas que improvisam e forjam saídas para os diversos conflitos sociais existentes, ora resistindo, ora se subordinando, fazendo com que sua experiência seja pensada numa esfera de luta e conflito.

Se debruçar nas experiências de vida e trabalho desses trabalhadores é aprofundar a reflexão pensando um horizonte do conhecimento histórico que incorpora as experiências humanas enquanto um processo dinâmico.

As pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como idéias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos (...) elas também experimentam sua experiência como sentimentos e lidam com esses sentimentos na cultura, como

normas, obrigações e valores, ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou convicções religiosas. (THOMPSON, 1981, p189)

Para Raymond Williams, nenhum conceito pode dar conta de compreender e analisar a realidade, se partimos de uma análise formal, distanciando-se assim dos diversos embates e choques que constituem os processos históricos. As mudanças no mundo do trabalho, não podem ser discutidas sem os sujeitos que vivenciam tais processos, os trabalhadores. (WILLIAMS, 1979)

Numa perspectiva muito próxima com essa pesquisa, de encarar a classe trabalhadora enquanto sujeito da história e não apenas enquanto vítimas do capital, buscando privilegiar as suas trajetórias de vida e trabalho, tendo como foco o setor varejista e as reestruturações que este setor vem passando, o trabalho de Luzimar Barreto França Júnior, que se debruça na pesquisa em relação às transformações nas trajetórias de vida e trabalho dos trabalhadores do Carrefour, diante de processo acentuado de reestruturação organizacional que grandes redes varejistas vêm passando.

“Este trabalho visa compreender o processo de reestruturação das grandes redes varejistas ocorrido desde a última década do século passado, os seus reflexos no processo de trabalho junto aos trabalhadores destas redes [...] Fenômenos já verificados em outros setores, tais como a reestruturação capitalista, a precarização das condições de trabalho, monopolização/oligopolização, entre outros, ganham novos contornos quando relacionados ao universo dos trabalhadores comerciários das grandes varejistas.”

As mudanças no mundo do trabalho nas últimas décadas, onde se destaca a forma toyotista de organização do trabalho, vem sendo batizada de “reestruturação produtiva”, amplamente discutida na sociologia do trabalho. Edmundo Dias, crítica o uso da concepção “reestruturação produtiva”, se pensado como uma imposição já efetivada pelo capital, mas sim, as transformações no mundo do trabalho pensadas por parte do capital e seus agentes, são tentativas que podem ou não se impor, através do embate entre as classes, a partir das relações de força vividas entre elas. Para ele, a história do capital é a história da “reestruturação produtiva”, mas no esteio da luta de classes.

Partindo dessas concepções, a metodologia que a pesquisa utiliza para discutir as mudanças no mundo do trabalho, mais especificadamente, no comércio varejista, com as reestruturações das grandes redes varejistas, através de fusões e aquisições, formando grandes conglomerados no setor é a história oral. A escolha por utilizar de relatos desses trabalhadores como principal fonte na pesquisa, é por compreender a história oral como um método rico para discutir e dar relevância as experiências da classe que vive do trabalho.

Uma das entrevistas realizada pela pesquisa, com um funcionário da Ponto Frio é emblemática para percebermos as impressões e expectativas que esses trabalhadores vêm construindo das mudanças que estão acontecendo no seu cotidiano de trabalho, através da fusão das lojas Casas Bahia e Ponto Frio na cidade de Cascavel.

Daniel é vendedor da Ponto Frio do setor de informática. A sua fala esta organizada de uma forma que ele compara a rotina do trabalho na Ponto Frio e nas Casas Bahia, apontando as suas expectativas em relação as mudanças que irão ocorrer com a fusão.

O interessante da fala do Daniel, e a riqueza de detalhes sobre o processo de trabalho das Casas Bahia, o que não houve nas falas dos trabalhadores daquela loja. Isso contribuiu para que a fusão entre as duas lojas aparecesse de uma forma mais marcante no Daniel, do que na fala de outros trabalhadores entrevistados pela pesquisa.

Pois é né, meu a gente não tá sabendo ao certo o que vai acontecer... nas mudanças que vão acontecer em relação a loja... Olha, um monte de benefício que a gente tinha, eu descontei, pra mim não era viável, agora com a fusão com a Bahia vai ficar menor... O plano de saúde eu tava pagando 45,00 reais, a cesta básica também tava

pagando... O plano de saúde nosso, que eu estava pagando 45,00 reais, tive que corta, não dá... nós somos em três lá em casa... Eu, minha esposa e meu filho, imagina só... 45,00 reais por pessoa... não dá! Da quase duzentos reais, ai eu cortei... Desconta tudo do seu salário... Lá, eles cobram 70,00 familiar, vai dá uns 20,00 reais por pessoa... A cesta básica que a gente pagava 40,00, ali é 15,00... Com essa junção vai vir um monte de coisa legal, de benefício...

Outro aspecto que torna o processo de fusão mais latente na fala do Daniel, e que ele, na sua trajetória de trabalho, já passou por este processo. Daniel trabalhou nas Lojas Dudony, rede varejista que foi comprada pelo Baú. Ele indica no seu relato as fusões enquanto tendências presentes no mercado hoje, pelas diversas fusões que vem ocorrendo.

No inicio da entrevista, dentro da loja, ele pontua que não houve mudanças na Dudony, apenas burocraticamente, no registro na Carteira de Trabalho. Porém, no decorrer da entrevista, no seu horário do almoço, ele comenta que essas fusões e as transformações que acontecem nas empresas a partir delas, não são positivas, principalmente no inicio.

Destaco que o fato do entrevistado já ter passado uma vez por um trajetória de trabalho envolvendo as fusões, demonstra que essas mudanças no mundo do trabalho, a partir de uma tendência no mercado de fusões e formações de grandes conglomerados, esta fazendo parte das experiências de vida e trabalho da classe trabalhadora.

A Dudony virou Baú, eu trabalhava lá... aí eles pegaram e recolheram a nossa carteira, não deram baixa, não fizeram nada, recolheram e só carimbaram num papel, e colocaram que qualquer rescisão contratual a Dudony se responsabilizava... Mudou o CNPJ e o nome fantasia [...]

Pois é, está acontecendo bastante esse negócio de fusão das lojas, que nem eu falei eu já trabalhei na Dudony que virou Baú, agora na Ponto Frio que virou Bahia, como eu te falei, não é muito bom, principalmente no começo, muda muito a política da empresa...

Na sua fala, Daniel aponta como principal questão sentida por ele, de funcionário das Lojas Dudony que virou Baú e agora, novamente, de trabalhador da Ponto Frio que fundiu com a Bahia, as mudanças na política da empresa. Segundo seu relato, o trabalhador esta acostumado com uma forma trabalhar, de uma rotina de trabalho, com a fusão com outra empresa, essa política muda, sendo outra forma de trabalhar, outro ritmo.

Sim, muda né... A política da empresa é diferente... Você está acostumado num ritmo, de negociação... Ai muda... Não vai ter aquele jeitinho que nem, por exemplo o seu Gercino pode fazer, lá não tem, lá na Bahia não tem... Por exemplo, um cliente que sempre compra com a gente, que passou aqui na loja, gostou de uma coisa, e esqueceu o cartão em casa pra pagar, aí a gente vai e conversa com o seu Gercino, olha seu Gercino, o cara sempre compra com a gente, e hoje ele esqueceu o cartão... o seu Gercino sabe, que se deixa o cara ir embora, pra pegar o cartão e volta, ele não vai volta, não pode deixa a venda passar, então o seu Gercino pega, tira a nota, a gente faz a venda, ai com a venda feita, o cara vem no outro dia e passa o cartão... ai ele já vai ter comprado, ele vai volta... Essa coisas na Bahia não dá, não pode mesmo... Lá tem que ser tudo certinho, tudo certinho... Lá saiu, a nota, tem que pagar, não dá pra esperar pra amanhã...

A construção que ele faz em sua entrevista do processo de fusão das Casas Bahia e Ponto Frio ressalta desde pontos negativos a pontos positivos, todos estruturados em torno a comparação a sua rotina de trabalho na Ponto Frio, com a organização do trabalho na Bahia.

A rigidez na forma de trabalhar da Bahia, já apontada na sua fala anterior, já que na Bahia não teria um como se utilizar de um “jeitinho” para realizar a venda, vendendo a mercadoria para o cliente para ele pagar amanhã, e indicada por ele como uma perda de autonomia no seu dia-a-dia de seu trabalho. O uniforme mais simples, a possibilidade de conversar com o gerente e ter uma flexibilidade de horário, para o entrevistado são sinais de autonomia.

Porem, como a Casas Bahia seria uma empresa mais sistemática do que a Ponto Frio (pelo menos a loja de Cascavel/PR), os trabalhadores teriam menos autonomia a sua jornada de trabalho. Por terem essas diferenças, segundo Daniel, política diferentes, com a fusão tendem a mudar o dia-a-dia de trabalho dos funcionários das lojas.

Sim sim, lá é muito mais sistemático... Olha só, por exemplo, aqui na Ponto Frio, eu trabalho de camiseta, de calça jeans, lá não, lá tem todo aquele uniforme, até lenço as mulheres usam... Aqui já não... Se você chega lá, tipo 15 minutos atrasado, você tem que pedir pro seu gerente liberar pra você poder entrar trabalhar... Se você chegar 30 minutos atrasado, não adianta, você perdeu seu dia de trabalho sabe, nem o gerente consegue liberar mais, teu cartão ponto não passa... Aqui já, se você chega atrasado, você pega e liga pro seu Gercino, “olha vou chegar um pouco atrasado” e de boa sabe... Então, tipo é mais tranqüilo nessas coisas... Lá, se passou teu horário de trabalho e você ta na loja, você vai ter que avisar o seu gerente, o que você está fazendo, pra que ele te libere tu ir ficando mais, se não o cartão não passa na hora de sair, excede a hora... eles tem que saber o por que você está ainda na loja, por que ta fazendo hora a mais... [...] Por isso assim, com a fusão a política da empresa muda, e você está acostumado a trabalhar com uma política, agora vai mudar, é outra forma de trabalhar sabe... É complicado sabe...

Porem, o entrevistado também ressalta pontos positivos desse processo, comparando a organização do trabalho na Bahia e na Ponto Frio, criando expectativas com a fusão das duas redes. Segundo ele, tem mudanças que ele gostaria que acontecesse com a fusão, já que a forma de trabalho das Casas Bahia, seria mais eficiente.

Mas olha, tipo lá na Bahia as coisas são bem diferentes sabe, tipo, que nem móveis aqui... isso eu quero que mude... tipo sabe, eu queria vender móveis, por que assim, a cota aqui de móveis é maior, por que vende menos, depende chega a cerca de 2%, 2 e pouco... ai já viu, a cota é maior né... a minha cota, que eu vendo de eletro eletrônicos, tipo batedeira, geladeira, computador essas coisas ai... é 1 e pouco, então vende móveis você ganha mais sabe... só que aqui é muita dor de cabeça sabe... e lá na Bahia não tem isso... o cara faz a venda lá sabe, na hora que ele efetua a venda, ele já sabe o data da entrega, e você pode ter certeza que se a Bahia falar que olha, é quatro dias úteis pra entrega... se eles te falarem, olha sexta-feira, as nove horas a gente vai entregar... alias, eles não falam a hora, mas assim, eles trabalham com parte da manha e parte da tarde... meu, você pode ficar em casa, por que eles vão te entregar...

A expectativa gerada com a fusão da Ponto Frio e das Casas Bahia, e uma expectativa que ele pontua em direção a sua intenção de trabalho. Daniel vê com a fusão dos dois grupos, a possibilidade de uma melhora na Ponto Frio, possibilitando para ele trabalhar no setor que ele gostaria, o setor de moveis, por que ganha mais.

A questão da autonomia que ele pontua no inicio de sua entrevista, que com fusão a tendência e que se diminua a autonomia no dia-a-dia de trabalho na Ponto Frio, pela rigidez das Casas Bahia, se esbarra na imagem das Casas Bahia enquanto uma loja extremamente eficiente, trazendo assim melhores possibilidades de venda e conseqüentemente, uma maior remuneração.

Em sua entrevista, o Daniel descreve com muita riqueza de detalhes toda o funcionamento das Casas Bahia, quais que são os procedimentos de venda, de entrega e montagem, relatando na sua fala anterior, que se a Bahia marcar a sua entrega, o cliente pode ficar em casa que eles irão entregar a mercadoria. Ele explica todo o processo em sua entrevista, inclusive qual e o procedimento da loja, se acaso esse cliente não esteja.

Ao relatar o processo de trabalho nas Casas Bahia, ele pontua as debilidades que ele percebe na Ponto Frio, a demora na entrega, na montagem, o que faz com que a loja não “fidelize” o cliente. Para ele, a loja fidelizar o cliente, e fazer com que o cliente compre novamente na Ponto Frio.

Sim... eu sempre falo, fidelizar o cliente é a coisa mais importante pra quem é vendedor... sabe, as vezes aqui rola de compra, ter entrega, montagem tudo certinho... ai o que acontece... tipo, o cliente volta sabe... se não o cara não volta... não volta e eu não vendo... ai como é que eu fico... com o salário do comércio não dá pra viver e sustentar família... seiscentos pila não da pra nada... E nessa loja o jeito que ta não dá, ainda mais o nosso pós-venda... não dá... ainda mais com a terceirização, complica muito a gente...

Para ele, a questão que esta envolvida e a possibilidade de realizar mais vendas, e conseqüentemente receber um melhor salário no final do mês, tendo em vista que o salário piso do comercio não teria como pagar suas despesas. Essa possibilidade aumentaria com um melhor serviço de pós-venda, segundo o entrevistado, o que seria o diferencial da Casas Bahia e a debilidade da Ponto Frio.

Uma questão interessante que aparece na fala do entrevistado, são as terceirizações. Daniel aponta como uma debilidade o fato da entrega da Ponto Frio ser terceirizada e os trabalhadores mau-remunerados. Para ele, isso faria com que a entrega seja demorada e ma feita.

Nossa demais... Tipo, o cara é terceirizado, ele não está nem ai, imagina só... tem uma entrega la no Cataratas, lá longe... o cara vai querer ir, montar um guarda roupa la no Cataratas, pra ganhar 1,00 ou 2,00 reais? Nunca! Ele vai fica enrolando a gente, ai quando não tiver mais nada pra fazer, ele vai... Ai se o cara fala pra ele, olha eu tenho uma coisa aqui, monta pra mim que eu te dou 20,00 reais... ai já viu, se um cara que ele faz isso, ele já atrasa a entrega do cara lá do Cataratas, por que ele vai ganhar muito pouco... Ai monta com pressa, monta mal... Lá não acontece essas coisas... Por que lá o funcionário das Casas Bahia sabe, e da lá mesmo... se alguém ligar reclamando, o funcionário e da lá...

Em sua fala, pode-se perceber uma visão mais critica em relação as terceirizações e o vinculo de trabalho precário, através desse tipo de contratação. Para ele, o fato do trabalhador ser terceirizado, ganhar pouco faz com que ele não realize o seu trabalho, vendo as vezes mais vantagem na realização “bicos” para compor o seu salário.

Segundo ele, com a fusão, são esses trabalhadores os primeiros a terem seus empregos ameaçados. Pelo fato da terceirização, não tendo um vinculo efetivo com a Ponto Frio, este trabalhador esta mais suscetível a demissão. “Ah, certeza que já era pra eles né... Eles na real, já sabe que a Ponto Frio já vai fechar o contrato com eles, ai não sei né, eles são terceirizados, a gente não sabe ao certo, mas com certeza que já era... fazer o que...”

Porem, por mais que em sua entrevista, o trabalhador percebe o vinculo contratual precarizado com a terceirização, a pior remuneração desses trabalhadores e ameaça de demissão desses trabalhadores, com a fusão da Ponto Frio e das Casas Bahia e encerramento do contrato da Ponto Frio com a terceirizada, nenhuma expressão de necessidade de organização de uma identidade enquanto classe foi esboçada pelo entrevistado.

Em relação a possibilidade de fechamento de postos de trabalho com a fusão das Casas Bahia e Ponto Frio, com a demissão dos terceirizados que presta serviço de entrega e reposição na rede antes da fusão, Daniel indica também um intensificação do trabalho no setor de entrega/reposição e montagem da Casas Bahia, tendo em vista que com a demissão dos terceirizados e a união das atividades das duas lojas, a equipe da Bahia que passara realizar este tipo de serviço para a Ponto Frio.

Para ele, mesmo que haja contratações, a companhia agora fundida, não formaria duas equipes de entrega, montagem e reposição. “como vai juntar as lojas, ela (Casas Bahia) não vai fazer uma equipe de entrega e montagem pra cada loja, acho que isso vai juntar mesmo sabe...”

Na avaliação do Daniel, as mudanças na sua jornada de trabalho ocorridas pela fusão, estão em disputa no seu dia-a-dia de trabalho, já que ao mesmo tempo que ele pontua benefícios para ele, enquanto trabalhador da loja, ele pontua questões que trarão implicações negativas para os trabalhadores.

Mesmo que na sua fala, ao ser questionado se ele faz uma avaliação positiva do processo de fusão das Casas Bahia e Ponto Frio, ele responde afirmativamente, ele já começa a indicar os pontos que ele considera negativos com esse processo, sendo uma “faca de dois gumes”, em suas palavras.

Ah, sim... mas tipo em algumas coisas sabe... tipo, por exemplo, vai ter um monte de coisa legal, como eu te falei... benefícios, esse negocio do pós-venda que é um problema pra nós... mas tipo, ao mesmo tempo sabe... eles cobram bem mais... tipo não vai ter mais o seu Gercino, o gerente, resolvendo os pepinos, ou que nem eu sabe... eu tenho 16 horas pra tira de folga, do banco de horas... tem horas que eu vejo que não ta bom o negocio, ou que eu tenho que resolver um pepino, sabe... eu falo assim, seu Gercino, vou ter que resolver uma coisa, vou tirar aquelas horas lá... se não eu perco, fecho o mês eu perdi e não recebo nada em troca... não tenho hora extra, a gente do comércio assim, dessas lojas maiores que trabalham com banco de horas, não tem hora extra... então eu tenho que tira... mais assim, eu tenho 16 horas, dá dois dias de trabalho praticamente... eu não vo poder tirar dois dias de trabalho, não posso fica dois dias foras da loja, pesa demais, e alguns mil reais que eu vendo, e que no final do mês vai me fazer falta assim... Mas eu vo dando um jeito de tirar, e o seu Gercino, no que pode ele faz assim... Lá na Bahia não adianta, é quando eles querem o negócio, é muito mais cobrado, sistemático... como você falou, disciplinado mesmo... então, essas coisas, vão mudar sabe... ao mesmo tempo que eles dão mais, eles cobram mais... Sabe, é uma faca de dois gumes mesmo...

A fusão e as mudanças que o comércio varejista vem passando, já tomam assumem outra dimensão para Samuel, também vendedor da Ponto Frio atualmente, que passou do setor de moveis para o setor de eletrônicos.

Para Samuel, ex-funcionário das Casas Bahia na cidade de Curitiba/PR, sempre trabalhou no comercio, as mudanças que vem ocorrendo no setor, a profissão de vendedor hoje esta tão precarizada que ele esta procurando sair do setor. Samuel na data da entrevista, realizada dentro da loja, iria procurar um cursinho preparatório para concursos públicos.

Por mais que ele faça uma avaliação positiva de sua experiência de trabalho nas Casas Bahia, e assim como na entrevista de seu colega de trabalho Daniel, compare a eficiência da Bahia com a demora no pós-venda da Ponto Frio, para ele o setor esta cada dia pior para o trabalhador.

E que ganha pouco, estressa bastante, a tendência disso aqui é só piorar, por que antigamente abria sábado ate meio-dia, agora trabalha sábado inteiro, a tendência é abrir domingo, a Casas Bahia esta trabalhando domingo, então olha, a gente se vê piorar, abrindo domingo, feriado... em Curitiba trabalha, é normal trabalha domingo e feriado... aqui ainda não... E hoje, ta crescendo muito a compra por internet sabe... antigamente o povo não comprava muito, hoje ta crescendo muito, então é uma parcela de clientes que a gente esta perdendo, entendeu... é desleal... o próprio site da Ponto Frio às vezes vende mais barato que a gente na loja, entendeu... então o povo ainda compra na loja, por que é meio receoso ainda, mas a tendência e cada vez mais comprar por internet... ta vendo como a gente esta caminhando, só esta piorando (...) Então, já estou começando a me espertar pra outras coisas, já deveria ter feito isso a muito tempo atrás... Mas assim, nunca é tarde né...

Portanto, para Samuel mesmo que ele ressalte na sua fala o tempo que ele trabalhou nas Casas Bahia na cidade de Curitiba, que quando ele voltou para Cascavel seu objetivo era continuar trabalhar na Bahia, e agora a Ponto Frio funde com as Casas Bahia, podendo melhorar sua rotina de trabalho, o trabalho no comércio para ele não vale a pena.

Referências

Fontes Orais

Daniel da Silva, entrevista produzida em 22 de junho de 2011, na cidade de Cascavel - PR. Trabalha como vendedor no setor de eletroeletrônico da Ponto Frio. Era funcionário das Lojas Dudony, quando foram compradas pela rede Baú.

Samuel Caetano, entrevista produzida em 28 de junho de 2011, na cidade de Cascavel – PR. Trabalha na Ponto Frio como vendedor do setor de eletrônicos. Trabalhou nas Casas Bahia na cidade de Curitiba – PR. A entrevista foi realizada na loja.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho: Ensaio sobre a metamorfose e a centralidade do mundo do trabalho*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Ed. Da Universidade de Campinas, 1995.

ANTUNES, Ricardo. *O caracol e sua concha. Ensaio sobre a nova morfologia do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2005.

BRAVERMANN, Harry. *Trabalho e capital monopolista*. 3ª Ed, Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.

DIAS, Edmundo Fernandes. “Reestruturação produtiva”: a forma atual da luta de classes. In: *Outubro, n 1*. São Paulo: Xamã, 1998.

FRANÇA JÚNIOR, LUZIMAR BARRETO. *Trabalho e reestruturação na Rede Carrefour: Uma análise crítica*. 2010. 193 p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Estadual Paulista.

MASCHIO, Maralice. *Experiências dos trabalhadores das Lojas Pernambucanas no contexto da reestruturação produtiva (1970-2000)*. 2008. 229 p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética na história oral. In: *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do departamento de História da PUC-SP. São Paulo: Educ, 1981.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.